



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17805 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

ANCESTRALIDADE EM AÇÃO: DONA JOSEFA E O LEGADO DE RESISTÊNCIA QUILOMBOLA

Rafaela Matos de Santana Cruz - UNIT - Universidade Tiradentes

Cristiano de Jesus Ferronato - UNIT - Universidade Tiradentes

"ANCESTRALIDADE EM AÇÃO: DONA JOSEFA E O LEGADO DE RESISTÊNCIA QUILOMBOLA"

Rafaela Matos de Santana Cruz ^[1]

Cristiano de Jesus Ferronato ^[2]

1 INTRODUÇÃO

Eu sou Josefa Santos de Jesus, sou casada, tenho 63 anos de idade, nascida e criada aqui no povoado Sítio Alto. Meu pai é nascido e criado aqui, minha mãe também, sou remanescente de quilombola [...]. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em maio de 2021)

Este resumo expandido explora a potente mulher quilombola Dona Josefa Santos de Jesus, líder do Quilombo Sítio Alto, localizado no interior de Sergipe, na cidade de Simão Dias. Dona Finha, como é popularmente chamada, é uma figura central na preservação dos saberes ancestrais, da identidade negra e na preservação cultural e articulação social, movimentando-se para a sobrevivência da sua comunidade quilombola. Assim, essa pesquisa investigou seus legados e

impactos, analisando sua trajetória de vida, além de suas contribuições para a manutenção da identidade quilombola e seus papéis como potencialização de mudanças socioculturais e socioeconômicas.

Dessa maneira, a problemática central deste estudo residiu na compreensão da influência de Dona Josefa Santos de Jesus como mulher negra quilombola na resistência cultural, reparação história, da identidade e social do Quilombo Sítio Alto, em um contexto de desafios históricos enfrentados pelas comunidades quilombolas no Brasil. Portanto, hipotetizou-se que sua liderança não apenas fortaleceu os laços comunitários, unindo e ressignificando os saberes ancestrais, mas também, desafiaram as estruturas de exclusão e marginalização enfrentadas pelos quilombolas, promovendo movimentos de resistência cultural e social.

A delimitação do assunto focou especificamente nas atuações de Dona Josefa e suas movimentações por políticas públicas para/com o Quilombo Sítio Alto, concentrando-se na potencialidade local e suas estratégias para preservação, transmissão e manutenção dos saberes ancestrais negros. Os objetivos deste estudo incluíram a análise da trajetória histórico e social de Dona Josefa, investigando suas práticas pedagógicas como liderança matriarcal, avaliando seus modos e potencializações na manutenção da identidade e cultura quilombola. Metodologicamente, a pesquisa empregou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade e com a própria protagonista além de, análise documental para compreender as percepções locais sobre suas lideranças e legados.

Este resumo expandido será estruturado em três partes principais: após esta introdução, apresentará o desenvolvimento que incluirá a contextualização histórica do Quilombo Sítio Alto, seguido pela análise dos legados indenitários negro, culturais e socioeconômicos de Dona Josefa Santos de Jesus do quilombo Sítio Alto, em Simão Dias-SE. Os resultados desta pesquisa contribuirão para ampliar o entendimento sobre conhecimento sobre as lideranças matriarcais quilombolas na preservação, transmissão e no fortalecimento comunitário quilombola, fornecendo contribuições valiosas para estudos futuros sobre patrimônio cultural e justiça social.

2 DESENVOLVIMENTO

Tudo que tiver aqui no Sítio Alto de projeto, de alguma coisa, tem um empurrão meu. A minha mão tá pelo meio, porque de quando eu comecei a tomar entendimento, a minha missão era minha bandeira de luta, é lutar pelo meu povoado, pelo meu povo, aquele povo que sempre era humilhado, era mangado, não tinha escola, não tinha água, não tinha casa, moradia certa. Era daquelas

casinhas de taipa, barraquinha de palha, aquelas coisas. A minha missão foi trabalhar pela minha comunidade, até hoje, do tempo que comecei a ter entendimento. Se você fazer a conta dos anos que eu tenho e de quando eu comecei a trabalhar para mim mesmo, vai achar pouco, porque meu trabalho é mais pro da comunidade, é meu trabalho. Eu faço assim, vem um projeto, vem uma coisa, mas tudo que vem, não é assim, é meu nome é para a associação, é para a comunidade, é para o povo! (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concebida pelo Whatsapp, em julho de 2021)

A citação de Dona Josefa, nos faz refletir não apenas seu compromisso incansável com a comunidade do Sítio Alto, mas também sua dedicação integral à causa quilombola. Sua trajetória é marcada por uma insurgência pessoal transformada em luta coletiva, a qual cada projeto, cada iniciativa é impulsionada pelo desejo ardente de melhorar as condições de vida dos moradores da sua comunidade. Desde os tempos em que começou a compreender seu papel, Dona Josefa assumiu a bandeira da luta, pela igualdade social, de raça e gênero, lutando contra a marginalização histórica e enfrentando desafios como a falta de infraestrutura básica. Seu comprometimento vai além do individualismo, sendo guiado pelo propósito de fortalecer sua comunidade, sua ancestralidade, sua identidade, proporcionando-lhe dignidade e oportunidades que por tanto tempo lhes foram negadas, como é o caso da escrita da própria história.

Chimamanda Adichie (2019) nos alerta sobre o perigo da história única, aquela que é repetida incessantemente pelo colonizador europeu. Ela afirma: “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (p. 22). Dona Josefa se levanta contra essa fala com sua resistência. Sua história é um exemplo poderoso de como a resistência pode romper com as colonialidades. Além disso, em sua luta pela preservação da cultura, da identidade e da sobrevivência de seu povo, Dona Josefa desafia as representações eurocêntricas que a colonização tentou impor sobre as comunidades quilombolas.

Dessa forma, Dona Josefa recusa-se a permitir que sua comunidade seja vista através de uma lente única e opressora, reafirmando a complexidade, a riqueza e a humanidade de suas tradições e lutas. Sua liderança no Quilombo Sítio Alto é mais do que um ato de sobrevivência; é um ato de recriação, de contar e recontar as próprias histórias a partir das vozes de quem as vive. Nesse processo, ela e sua comunidade subvertem a lógica colonizadora, afirmando a pluralidade das experiências negras e quilombolas, e mostrando que a verdadeira história é aquela que é contada por quem a vive, em toda a sua diversidade e potência.

2.1 Contextualização Histórica do Quilombo Sítio Alto

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas

para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32)

O Quilombo Sítio Alto é um exemplo da potência desse poder das histórias. Por décadas, tem sido um espaço de insurgência para seus habitantes, descendentes de africanos que desafiam as barreiras da opressão colonial. Localizado lindamente no alto de uma serra, o quilombo é mais do que um refúgio geográfico; é um espaço vivo onde tradições ancestrais são preservadas, ao mesmo tempo em que as mudanças sociais e econômicas são incorporadas à sua dinâmica comunitária.

Portanto, a história do Quilombo Sítio Alto não é apenas uma história local, mas está profundamente entrelaçada com a história do Brasil, marcada por lutas contínuas por reconhecimento, direitos territoriais e a reafirmação da dignidade que foi silenciada e marginalizada pela colonização. Assim, este quilombo representa a força de um povo que, através de suas narrativas e práticas culturais, repara e reconstrói sua identidade coletiva frente aos desafios impostos pela história.

2.2 Legados Culturais e Sociais de Dona Josefa Santos de Jesus

[...] a mulher negra exerceu um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mãe (real ou simbólica), ela foi uma grande geradora na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão para a próxima geração. (GONZALEZ, 2020, p. 161).

A citação de Gonzalez (2020), destaca o papel essencial das mulheres negras, como Dona Josefa Santos de Jesus, Tereza Benguela e Dandara tantas outras mulheres que escreveram suas vidas na luta, na preservação e transmissão da identidade negra e toda cultura afro-brasileiro ao longo da história. Dona Josefa, por exemplo, emerge como uma figura central na comunidade quilombola do Sítio Alto, não apenas como líder, mas como guardiã dos saberes ancestrais e como potencializadora da resistência negra contra a hegemonia branca.

Assim, como Dandara, que se destacou na luta contra o eurocentrismo, a história única e o racismo estrutural e pelo direito à liberdade, Dona Josefa também personifica a força das mulheres negras brasileiras, as quais os trabalhos vão além da mera sobrevivência, englobando a construção de identidade e a defesa de direitos fundamentais para suas comunidades. Portanto, ambas representam experiências vívidas de como as mulheres negras têm sido agentes de transformação social, desafiando estruturas opressivas e construindo um legado de empoderamento e resistência para as futuras gerações.

A companheira Lélia Gonzalez (2020), vai chamar essas mulheres de

Amefricanas. Sendo assim, a Amefricanidade, um conceito que vai dizer que é o processo “histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é [...]” (p. 135), ressoa profundamente na trajetória de mulheres como Dona Josefa Santos de Jesus. Assim, ela personifica a afrocentricidade ao liderar sua comunidade com saberes ancestrais que tem suas raízes em valores da ancestralidade africanas ressignificados e reinterpretados nas Américas. Através de sua liderança, Dona Josefa não apenas preserva os saberes tradicionais, mas também os revitaliza em um contexto contemporâneo de luta por direitos e reconhecimento. Sua forma de expressão, seja nas palavras, na música, na dança ou na resistência política, reflete não apenas a herança cultural africana, mas também a capacidade de adaptação e criação de novas formas de resistência e identidade afro-latino-americana.

Em razão disso, ao enaltecer mulheres como Dona Josefa e relacionar suas experiências com a Amefricanidade, destacamos não apenas suas contribuições individuais, mas também comemoramos a continuação histórica nas incertezas/certezas de uma sociedade que respeite a diversidade e riqueza. Dona Josefa não só representa a continuidade dos valores culturais afro-brasileiros, mas também ilustra a dinâmica cultural adaptativa e resistente que Gonzalez descreve. Diante disso, reconhecemos não apenas a herança ancestral, mas também a capacidade de transformação e fortalecimento da identidade negra e da memória coletiva, através da liderança e resistência cotidiana de mulheres negras como Dona Josefa. Isso se alinha com o conceito de que

“[...] a memória é construída, de um lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares vividos por esse segmento da população, e de outro lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo [...]” (MUNANGA, 2020, p. 16).

Assim, o trabalho seletivo que a memória realiza está diretamente ligado à construção da identidade da comunidade. A memória, portanto, desempenha um papel crucial na ressignificação dos saberes e na preservação da cultura. Através da relembração de experiências, por meio de entrevistas de história oral e outras metodologias que promovem o diálogo com colaboradores, a memória se torna fundamental na manutenção e fortalecimento da identidade cultural e dos saberes.

Alberti (2008), nos lembra que:

porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, possível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse

mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (p. 167).

Nesse contexto, Dona Josefa emergiu como uma figura potente dentro do Quilombo Sítio Alto, não apenas como uma líder comunitária, mas também como uma guardiã do conhecimento ancestral transmitido oralmente ao longo das gerações. Sua presença e atuação ilustram como as memórias e os saberes são fundamentais para a compreensão e fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. Sua sabedoria, acumulada ao longo de uma vida dedicada à comunidade, abrange desde práticas agrícolas sustentáveis até rituais religiosos que fortalecem a coesão social e espiritual do quilombo. Como nos diz Gomes (2017), “o sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório, mas aquele que conhece o mundo através do seu mergulho no mundo” (p. 58). Dessa maneira, as ações de Dona Josefa ressignificam espaços de poder e resistência, desafiando narrativas hegemônicas e contribuindo para a construção de uma história alternativa e decolonial.

2.3 Contribuições para o Futuro dos Estudos sobre Patrimônio Cultural e Justiça Social

As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e *modus* constitutivas, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas como todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ ou orais, como que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como um tecido e uma textura, em que as falas e gestos mnemônicas dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformaram-se, e reatualizam-se continuamente, em novos diferenciados rituais de linguagem e de expressão coreografando as singularidades e alteridades negras. (MARTINS, 2021, p. 32).

Nesse contexto, os resultados desta pesquisa antecipam contribuições significativas para o campo acadêmico e para políticas públicas voltadas à preservação do patrimônio cultural quilombola. Ao reconhecer e valorizar os legados de Dona Josefa e de outros líderes quilombolas, abre-se espaço para diálogos interculturais e para a promoção de práticas de desenvolvimento sustentável que respeitem e integrem saberes tradicionais. Esta abordagem não apenas fortalece as comunidades quilombolas, mas também enriquece o panorama cultural e social do país, promovendo uma justiça mais inclusiva e equitativa.

Dona Josefa Santos de Jesus, ao desempenhar um papel crucial na luta por políticas públicas que beneficiem não apenas o Quilombo Sítio Alto, mas todas as comunidades quilombolas da região, exemplifica como a integração das memórias e saberes tradicionais pode ter um impacto profundo. Como integrante ativa da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e do Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC), ela utiliza sua voz potente para alcançar direitos básicos, como acesso à educação de qualidade, infraestrutura básica e políticas de saúde

adaptadas às necessidades das comunidades quilombolas. Sua atuação reflete a importância de preservar e valorizar os legados culturais, promovendo uma justiça social que respeite e amplie as contribuições das comunidades afro-brasileiras.

2.4 Resultados e discussões da pesquisa

Os resultados desta pesquisa ecoam a resistência do Quilombo Sítio Alto, personificada por Dona Josefa Santos de Jesus e sua trajetória de vida marcada por lutas e conquistas. A análise minuciosa dos legados culturais e sociais revela não apenas a resistência cotidiana contra estruturas opressivas, mas também a capacidade de reinvenção frente aos desafios contemporâneos. A preservação dos saberes ancestrais emerge como essencial para a manutenção da identidade quilombola, alimentando uma narrativa de pertencimento e autonomia que transcende fronteiras físicas e temporais.

Além disso, a atuação incansável de Dona Josefa em articulações políticas e na promoção de políticas públicas evidencia não apenas sua liderança, mas também a necessidade urgente de reconhecimento e apoio institucional para as comunidades quilombolas. Suas ações vão além do âmbito local, alcançando um impacto nacional ao desafiar narrativas dominantes e as colonialidades do poder, do ser e do saber, bem como questões de cosmogonia e gênero. Assim, ela reivindica espaços de representação e justiça social. A criação de iniciativas digitais, como o perfil no Instagram do Sítio Alto, amplia essas vozes, destacando a importância da tecnologia na preservação cultural e no empoderamento comunitário.

Por fim, a pesquisa reafirma a importância da memória coletiva e da oralidade como agentes de resistência contra o eurocentrismo e o silenciamento histórico. A trajetória de Dona Josefa não apenas ilumina o passado do Quilombo Sítio Alto, mas também projeta um futuro onde suas conquistas e desafios se transformam em lições valiosas para as gerações futuras. Este estudo não apenas documenta, mas celebra a potencialidade e determinação de uma mulher negra e quilombola, cuja voz ecoa como um chamado à ação por um mundo mais justo e igualitário.

3 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, foi possível vislumbrar não apenas a resistência de Dona Josefa Santos de Jesus e da comunidade quilombola do Sítio Alto, mas também a ruptura das amarras coloniais que, por tanto tempo, tentaram silenciar suas vozes e apagar suas histórias. Através dos relatos e ações de Dona Josefa, podemos perceber como a resistência e a preservação cultural são fundamentos essenciais na construção de identidades fortes e na desconstrução das narrativas hegemônicas impostas pela colonialidade.

Estudar e pesquisar com sujeitos negros e quilombolas não é apenas uma questão de justiça histórica, mas uma necessidade urgente para reconstruir saberes marginalizados e valorizar as contribuições dessas comunidades para a sociedade brasileira. Dona Josefa, e os moradores do Sítio Alto não são apenas receptores passivos da história; eles são agentes ativos de transformação social, lutando não apenas por reconhecimento, mas por justiça, igualdade e dignidade.

Portanto, concluímos que é essencial que mais estudos e pesquisas deem espaço às narrativas quilombolas e negras, desafiando as estruturas que perpetuam desigualdades e marginalizações. Somente assim poderemos avançar em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos tenham o direito de contar suas próprias histórias e moldar seu próprio destino sem as amarras do passado colonial.

Palavras-Chaves: Ancestralidade. Dona Josefa. Quilombo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu – 1ª ed. – São Paulo; Companhia das Letras, 2019.

ALBERTI, Verena. **FONTES ORAIS**: Histórias dentro da História In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto: 2008. p. 155-202.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

AMADOR DEUS, Zélia. **Caminhos Trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d' água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. REIS, Flávia; LIMA, Márcia. (Org.). – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva**. In. UNESCO (Org.). **História geral da África, I**: Metodologia e pré-história da África. Brasília: 2010. p. 167- 212.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 71-114, março. 2008.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos

Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e Intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. – 1ª ed. – Filhos da África, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: 2009. p. 23-71.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

[1] Universidade Tiradentes – Aracaju, Sergipe, Brasil; rafaela.santana@souunit.com.br

[2] Instituto de Tecnologia e Pesquisa – Aracaju, Sergipe, Brasil; cristiano_jesus@souunit.br